

BRINCAR É COISA SÉRIA: o brincar como processo simbólico e terapêutico na psicologia junguiana¹

PLAY IS SERIOUS BUSINESS: play as a symbolic and therapeutic process in Jungian psychology

Helena Maria da Silva Lino²

Renata Vitória Costa Silva³

Thalita Meneses da Silva Furtado⁴

RESUMO

O presente trabalho pauta-se em analisar a relevância do brincar na infância para o desenvolvimento humano, compreendendo-o como uma linguagem simbólica capaz de expressar conteúdos emocionais e psíquicos. Historicamente, a atividade lúdica foi frequentemente reduzida a uma forma de entretenimento ou de dissipação de energia infantil. Todavia, estudos contemporâneos evidenciam que o brincar desempenha papel fundamental na constituição cognitiva, emocional e social da criança. Fundamentado na Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung e demais autores junguianos, especialmente nos conceitos de inconsciente coletivo, arquétipos e simbolismo, este estudo busca compreender como o brincar pode atuar como mecanismo de expressão do *Self* e de elaboração psíquica na infância. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, alicerçada em obras clássicas da Psicologia analítica e da Psicologia do desenvolvimento. Os resultados indicam que a atividade lúdica possibilita à criança simbolizar experiências internas, experimentar papéis sociais e elaborar conflitos emocionais, contribuindo para a integração psíquica e para a construção da identidade. Conclui-se que o brincar se constitui como elemento central no desenvolvimento emocional infantil, sendo essencial para a formação de uma personalidade equilibrada.

Palavras-chave: brincar; infância; desenvolvimento infantil; psicologia analítica; simbolismo.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the relevance of play in childhood for human development, understanding it as a symbolic language capable of expressing emotional and psychic contents. Historically, play activity has often been reduced to a form of entertainment or a means of dissipating children's energy. However,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Mais - UniMais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, no primeiro semestre de 2026.

² Acadêmica do 10º Período do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Mais - UniMais. *E-mail:* helenamaria@aluno.facmais.edu.br

³ Acadêmica do 10º Período do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Mais - UniMais. *E-mail:* renatavitoria@aluno.facmais.edu.br

⁴ Professora Especialista do Curso de Psicologia do Centro Universitário Mais - UniMais. *E-mail:* thalita@facmais.edu.br

contemporary studies demonstrate that play plays a fundamental role in the cognitive, emotional, and social development of the child. Grounded in the Analytical Psychology of Carl Gustav Jung and other Jungian authors, especially in the concepts of the collective unconscious, archetypes, and symbolism, this study seeks to understand how play can function as a mechanism for the expression of the Self and for psychic elaboration in childhood. Methodologically, this is a qualitative bibliographic research, based on classical works of analytical psychology and developmental psychology. The results indicate that play allows children to symbolize internal experiences, experiment with social roles, and elaborate emotional conflicts, contributing to psychic integration and identity construction. It can be concluded that play is a central element in children's emotional development, being essential for the formation of a balanced personality.

Keywords: play; childhood; child development; analytical psychology; symbolism.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão do brincar na infância passou por significativas transformações ao longo da história, acompanhando as mudanças nas concepções de infância, educação e desenvolvimento humano. Durante muito tempo, a atividade lúdica foi interpretada apenas como distração infantil, destituída de valor educativo, formativo ou psicológico, sendo frequentemente associada à ociosidade ou à simples dissipação de energia. Conforme destaca Ariès (1981), na sociedade tradicional, a infância não era reconhecida como uma fase distinta, o que implicava a ausência de uma valorização específica das práticas infantis, incluindo o brincar.

Com o avanço das abordagens pedagógicas e psicológicas, especialmente a partir do século XIX, emerge uma compreensão mais ampla da infância, reconhecendo-a como fase dotada de especificidades, necessidades próprias e potencialidades singulares. Nesse novo cenário, o brincar passa a ser entendido como um importante instrumento de aprendizagem, de interação social e de elaboração emocional. Winnicott (1975, p. 79) afirma que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação”, evidenciando o papel estruturante da atividade lúdica na constituição do sujeito.

Apesar desse avanço teórico, ainda persiste no senso comum uma visão superficial do brincar, frequentemente associado apenas ao entretenimento. No entanto, no campo da Psicologia, especialmente na perspectiva analítica, o brincar assume papel central no desenvolvimento psíquico, emocional e simbólico.

A Psicologia Analítica oferece uma base teórica consistente para compreender o brincar como um processo simbólico, no qual conteúdos inconscientes emergem por meio de imagens, fantasias e representações. Conceitos como arquétipos, inconsciente coletivo e processo de individuação são fundamentais para essa compreensão (Jung, 2011a).

Nesse contexto, o brincar pode ser entendido como uma forma de linguagem simbólica, por meio da qual a criança externaliza, organiza e elabora suas experiências internas. Ao brincar, a criança não apenas reproduz a realidade, mas a ressignifica, atribuindo novos sentidos às suas vivências (Brougère, 1998).

O caráter simbólico do brincar favorece o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da capacidade de abstração, aspectos essenciais para a formação de um sujeito autônomo e crítico. Conforme ressalta Kishimoto (2011), o brincar constitui um eixo fundamental na educação infantil, pois promove a integração entre desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar o brincar como processo simbólico e terapêutico na infância à luz da Psicologia Analítica, evidenciando sua relevância no desenvolvimento psíquico e na constituição do sujeito.

2 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO BRINCAR NA INFÂNCIA

O desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico, contínuo e multifatorial, no qual se articulam dimensões biológicas, cognitivas, emocionais e socioculturais. Nesse contexto, a infância destaca-se como etapa estruturante, pois é nesse período que se estabelecem as bases da personalidade, das relações interpessoais e das funções psíquicas superiores.

Segundo Vygotsky (1998), o desenvolvimento infantil ocorre por meio da interação social, sendo mediado por instrumentos culturais, dentre os quais o brincar, que ocupa posição de destaque. Para o autor, a brincadeira cria uma “zona de desenvolvimento proximal”, na qual a criança é capaz de realizar ações e construir conhecimentos que ainda não domina plenamente em sua vida cotidiana.

Nesse cenário, o brincar não pode ser reduzido a uma atividade acessória ou meramente recreativa. Trata-se de um fenômeno complexo, dotado de significados simbólicos profundos e implicações diretas no desenvolvimento integral da criança. Ao brincar, a criança constrói sentidos, organiza emoções e elabora experiências, assumindo papel ativo em seu próprio desenvolvimento.

Assim, o brincar configura-se como um espaço privilegiado de expressão subjetiva. Sua análise demanda uma abordagem teórica que ultrapasse concepções utilitaristas ou simplificadoras, sendo fundamental recorrer a referenciais que considerem a dimensão simbólica da psique, como a Psicologia Analítica.

2.1 Concepções históricas da infância e do brincar

A compreensão da infância está diretamente relacionada às transformações históricas, sociais e culturais. Em contextos pré-modernos, a criança era percebida como um adulto em miniatura, sem reconhecimento de suas especificidades (Ariès, 1981). Nesse cenário, o brincar não era valorizado como atividade relevante ao desenvolvimento.

De acordo com as análises históricas de Ariès (1981), a ausência de uma concepção estruturada de infância pode ser observada, inclusive, nas produções artísticas da Idade Média. Até aproximadamente o século XII, a criança não era representada com características próprias, sendo frequentemente retratada como

um adulto em escala reduzida, sem distinções físicas, emocionais ou comportamentais.

Nesse contexto, a criança era compreendida como um ser em transição, cuja passagem pela infância era breve e pouco significativa, não despertando interesse específico por parte da sociedade. Essa perspectiva também se evidencia em outras manifestações culturais da época, como na literatura, em que crianças eram descritas com comportamentos e habilidades típicos de adultos, reforçando a inexistência de uma percepção diferenciada dessa fase do desenvolvimento (Ariès, 1981).

A partir do século XIII, observa-se o início de uma transformação gradual nesse cenário, com o surgimento de representações que passam a atribuir maior expressividade e singularidade à infância, ainda que de forma limitada e predominantemente vinculada à iconografia religiosa. Ao longo dos séculos seguintes, especialmente entre os séculos XVI e XVII, consolidou-se um movimento de valorização da criança, evidenciado pelo aumento de retratos infantis e pela emergência de uma sensibilidade mais afetiva em relação à infância (Ariès, 1981).

Dessa forma, conforme aponta Ariès (1981), o reconhecimento da infância como uma etapa específica do desenvolvimento humano é uma construção histórica, resultante de transformações sociais, culturais e simbólicas que alteraram profundamente a forma como a criança passou a ser percebida e valorizada na sociedade. Com a modernidade, ocorreu uma mudança significativa: a infância passou a ser reconhecida como fase singular, marcada por necessidades próprias. Esse novo olhar possibilitou o surgimento de práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, o brincar passou a ser compreendido como elemento essencial. Kishimoto (2011) destaca que o brincar constitui um eixo estruturante da educação infantil, pois promove a integração entre aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

2.2 Fundamentos da psicologia analítica

A Psicologia Analítica desenvolvida por Jung, ao propor uma concepção ampliada da psique, rompe com perspectivas reducionistas que limitam o funcionamento psíquico à esfera da consciência, introduzindo a ideia de que a mente humana é estruturada por níveis inter-relacionados e dinâmicos: o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Tais instâncias não operam de forma isolada, mas estabelecem entre si uma relação contínua de influência, tensão e integração, configurando a totalidade psíquica do sujeito. Conforme a perspectiva de Jung, apresentada por Grinberg (2018), a relação entre consciente e inconsciente é dinâmica, exigindo interação contínua, na qual a consciência deve se manter estruturada para não ser absorvida pelos conteúdos inconscientes.

Em primeiro lugar, o consciente pode ser compreendido como aquilo que está presente na nossa experiência imediata – aquilo que percebemos, pensamos e sabemos naquele momento. É o campo da razão, das escolhas e da nossa capacidade de lidar com a realidade ao nosso redor. No entanto, essa parte visível da mente representa apenas uma pequena parcela da vida psíquica, sendo

constantemente influenciada por conteúdos que não estão acessíveis de forma direta. Por outro lado, conteúdos do inconsciente possuem relativa autonomia e manifestam-se por meio de imagens, fantasias e experiências psíquicas que emergem independentemente da vontade consciente (Grinberg, 2018).

Na perspectiva de Carl Gustav Jung, segundo Gaeta (2010), o inconsciente pessoal é formado, em grande parte, por conteúdos que já foram conscientes, mas que, ao longo do tempo, foram sendo afastados da consciência – seja por processos de repressão, seja por ainda não terem encontrado espaço para emergir. No entanto, o inconsciente não deve ser compreendido apenas como um lugar onde ficam armazenadas experiências reprimidas. Ele também possui dinamismo próprio, carregando potenciais criativos e a capacidade de produzir novas formas de expressão simbólica que podem contribuir para o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

O inconsciente coletivo corresponde a uma dimensão ainda mais profunda da psique, compartilhada por todos os seres humanos. Diferentemente do inconsciente pessoal, ele não se forma a partir das experiências individuais, mas constitui uma espécie de herança psíquica universal. Essa dimensão é composta pelos arquétipos, que são estruturas fundamentais e antigas, responsáveis por organizar a experiência humana. Segundo Jung (2011b), esses conteúdos se manifestam por meio de símbolos que se repetem em diferentes culturas e épocas, revelando padrões comuns da humanidade.

Os arquétipos não possuem um significado fixo ou fechado, constituem estruturas universais que se manifestam por meio de imagens e símbolos recorrentes, presentes em diferentes culturas e experiências humanas, assumindo diferentes formas de acordo com o contexto cultural e a vivência individual (Grinberg, 2018). Nesse processo, os símbolos desempenham um papel fundamental, funcionando como pontes entre o inconsciente e o consciente, possibilitando que conteúdos psíquicos mais profundos venham, aos poucos, à consciência.

Nessa perspectiva, a vida psíquica pode ser compreendida como um processo essencialmente simbólico, no qual conteúdos inconscientes buscam se expressar, ser elaborados e integrados. É justamente nesse movimento que o brincar ganha destaque, especialmente na infância – fase em que a linguagem simbólica se sobrepõe à lógica racional e à expressão verbal.

Sob esse olhar, o brincar pode ser entendido como uma das principais formas de manifestação dos conteúdos do inconsciente, tanto pessoal quanto coletivo. Ao brincar, a criança cria histórias, personagens e cenários que não apenas refletem suas experiências individuais, mas também revelam estruturas simbólicas mais universais. Assim, o brincar se torna um espaço de elaboração psíquica, no qual conteúdos internos são expressos, ressignificados e gradualmente integrados à consciência.

Outro conceito central na Psicologia Analítica é o processo de individuação, compreendido como o caminho de desenvolvimento da personalidade em direção à totalidade psíquica. Trata-se de um movimento contínuo de integração entre conteúdos conscientes e inconscientes, no qual o sujeito amplia sua consciência de si e estabelece uma relação mais equilibrada com sua própria interioridade, processo que também envolve o fortalecimento e a ampliação da consciência do ego, permitindo que o sujeito reconheça e assimile gradualmente conteúdos antes não acessíveis, conforme discutido por Neumann (1995).

O brincar é compreendido como uma via privilegiada de acesso ao inconsciente, uma vez que possibilita a expressão espontânea de conteúdos simbólicos. Por meio da atividade lúdica, imagens e significados emergem, favorecendo não apenas a elaboração psíquica, mas também o próprio processo de individuação. Diante disso, é possível compreender que o brincar vai muito além de uma atividade recreativa. Ele se configura como um processo complexo de simbolização, essencial para o desenvolvimento psíquico, para a organização da experiência interna e para a construção da identidade do sujeito.

2.3 Arquétipos e simbolismo na experiência psíquica

Os arquétipos constituem estruturas universais da psique que desempenham papel fundamental na organização das experiências humanas, atuando como matrizes simbólicas que orientam a percepção, a imaginação e a elaboração da realidade. Diferentemente dos conteúdos adquiridos por aprendizagem, os arquétipos constituem uma herança psíquica coletiva, inerente à condição humana, manifestando-se por meio de imagens, padrões narrativos e representações simbólicas recorrentes ao longo da história e nas diversas culturas.

Os arquétipos não se apresentam diretamente à consciência, mas se expressam por meio de símbolos, os quais funcionam como mediadores entre o inconsciente e o consciente. Para Gaeta (2010), o símbolo pode ser compreendido como a forma pela qual o todo psíquico se expressa nas vivências humanas – sejam elas acontecimentos, objetos, ideias ou emoções. Dessa maneira, toda experiência psíquica carrega em si uma dimensão simbólica, mesmo quando ainda não conseguimos reconhecê-la conscientemente. Nesse sentido, os símbolos atuam na organização e no desenvolvimento da personalidade, sendo mobilizados pela ação integradora do arquétipo do *Self*, conceito central na teoria de Carl Gustav Jung.

Na infância, a expressão simbólica ocorre de maneira intensa, uma vez que a criança ainda não dispõe plenamente dos recursos da linguagem lógica e abstrata, recorrendo, portanto, à imaginação e à ação simbólica como principais formas de expressão. Nesse direcionamento, o brincar configura-se como um espaço privilegiado de manifestação dos conteúdos arquetípicos, possibilitando à criança externalizar, explorar e ressignificar suas experiências internas. O brincar simbólico, portanto, constitui uma forma de linguagem por meio da qual a criança elabora significados e estrutura sua compreensão da realidade (Vieira, 2003).

Assim, por meio das brincadeiras, é possível identificar a presença de conteúdos arquetípicos que se materializam em figuras e enredos simbólicos, como heróis que enfrentam desafios, vilões que representam ameaças, cuidadores que oferecem proteção e situações de conflito que demandam resolução. Portanto, tais elementos não se limitam à reprodução do ambiente externo, mas constituem expressões simbólicas de processos psíquicos profundos, relacionados à construção da identidade, ao enfrentamento de medos e à busca por equilíbrio interno. Nesse sentido, o brincar está repleto de conteúdos que refletem tanto a experiência pessoal da criança quanto padrões coletivos de significado, possibilitando uma compreensão mais profunda de sua situação psicológica (Vieira, 2003).

É importante destacar que essas manifestações simbólicas não ocorrem de maneira aleatória, mas seguem padrões estruturais que refletem a dinâmica da psique. Ao representar conflitos, perdas, conquistas e relações de poder em suas brincadeiras, a criança mobiliza conteúdos tanto do inconsciente pessoal quanto do inconsciente coletivo, evidenciando a complexidade do processo lúdico enquanto

forma de elaboração psíquica. Sendo assim, o brincar simbólico possibilita a articulação entre experiências individuais e elementos culturais mais amplos, permitindo compreender como a criança constrói significados a partir da integração entre o que vivencia e as formas compartilhadas coletivamente (Vieira, 2003).

De acordo com Brougère (1998), o brincar não deve ser entendido como simples imitação da realidade, mas como um processo ativo de construção simbólica, no qual a criança atribui novos significados às suas experiências e reorganiza sua percepção do mundo. Nesse âmbito, o jogo ultrapassa a função de entretenimento e assume o papel de espaço de criação, interpretação e transformação da realidade.

A atividade lúdica pode ser compreendida como um campo de experimentação simbólica no qual a criança exerce sua capacidade criativa, articula diferentes registros de experiência e desenvolve competências emocionais e cognitivas. Assim, ao transitar entre o real e o imaginário, o brincar possibilita a ampliação do repertório simbólico, favorecendo não apenas a compreensão do mundo externo, mas também o aprofundamento do autoconhecimento.

Em síntese, o brincar revela-se como um dispositivo psíquico fundamental, por meio do qual a criança estabelece uma relação mediada com sua própria interioridade, elaborando conteúdos inconscientes e construindo sentidos para suas vivências. Trata-se, portanto, de um processo estruturante, que contribui decisivamente para a integração psíquica e para a formação de uma identidade mais coesa e equilibrada.

2.4 O brincar como linguagem e processo simbólico

No contexto clínico, o brincar assume uma função que ultrapassa a dimensão expressiva, configurando-se como um instrumento fundamental no processo psicoterapêutico infantil. Na perspectiva da Psicologia Analítica, a atividade lúdica constitui uma via privilegiada de acesso aos conteúdos inconscientes, permitindo que a criança expresse, elabore e integre experiências psíquicas por meio da linguagem simbólica.

Para Coutinho (2009), busca-se favorecer, de forma gradual e acolhedora, o desenvolvimento da consciência da criança sobre si mesma, sua história e seus modos de agir no mundo no contexto terapêutico. À medida que esse processo de autoconhecimento se fortalece, a criança tende a se sentir mais segura e confiante, ampliando sua autonomia e, consequentemente, sua capacidade de se posicionar com maior liberdade em suas vivências.

Uma das formas mais eficazes de promover a saúde emocional na infância é oferecer à criança oportunidades reais de criação, resgatando e nutrindo seu potencial criativo. No cenário contemporâneo, marcado pelo uso intenso de tecnologias, entretenimentos eletrônicos e relações mediadas por telas, é cada vez mais comum que o tempo livre das crianças seja ocupado por atividades passivas, muitas vezes com pouca participação corporal e expressiva. Esse contexto pode limitar experiências fundamentais para o desenvolvimento, como a imaginação, a expressão e a elaboração simbólica. Assim, quando a criatividade não é estimulada, ela tende a se enfraquecer progressivamente, reduzindo as possibilidades de a criança se expressar, compreender a si mesma e interagir de forma mais rica com o mundo ao seu redor (Coutinho, 2009).

O brincar constitui uma das formas mais autênticas de livre expressão da criança. Por meio dele, a criança comunica, de maneira simbólica, conteúdos

subjetivos que ainda não conseguem ser organizados ou expressos pela linguagem verbal. Diferentemente do adulto, cuja comunicação se apoia predominantemente na fala, a criança utiliza a ação simbólica como principal meio para manifestar seus sentimentos, desejos e conflitos, tornando o brincar uma via essencial de compreensão de seu mundo interno (Coutinho, 2009).

Assim, o brincar deve ser compreendido como uma linguagem simbólica por meio da qual a criança atribui significados às suas experiências. Vygotsky (1998) afirma que a brincadeira cria um campo de significação no qual a criança opera em níveis superiores ao seu comportamento habitual, desenvolvendo funções psicológicas como imaginação, memória e pensamento abstrato. E Piaget (1971) destaca que o jogo simbólico permite à criança assimilar e acomodar informações, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo.

Winnicott (1975) amplia essa compreensão ao situar o brincar em um espaço intermediário entre a realidade interna e externa, denominado espaço potencial. Nesse local, a criança pode experimentar, simbolizar e transformar suas vivências, estabelecendo pontes entre o mundo interno, composto por fantasias e emoções, e o mundo externo, relacionado à realidade objetiva.

Nesse sentido, o brincar não apenas reflete a realidade vivida pela criança, mas a reorganiza simbolicamente, permitindo a elaboração de experiências emocionais complexas. Trata-se, portanto, de um processo ativo de construção de sentido, no qual a criança assume papel protagonista na interpretação de sua própria realidade, em conformidade com a perspectiva de que o desenvolvimento psíquico ocorre por meio da organização progressiva da consciência a partir das experiências vividas (Neumann, 1995).

Para além de sua função simbólica, o brincar exerce papel essencial no desenvolvimento emocional, constituindo-se como um dos principais meios de expressão afetiva e de elaboração de conflitos internos. Ao brincar, a criança experimenta diferentes papéis sociais, vivenciam situações diversas e exploram possibilidades de ação, desenvolvendo competências socioemocionais como empatia, autocontrole, tolerância à frustração e capacidade de interação, o que pode ser compreendido, como expressão de um processo mais amplo em que a criança vivencia conteúdos psíquicos por meio de imagens e experiências, elaborando-os progressivamente no decorrer de seu desenvolvimento (Neumann, 1995).

Além disso, a atividade lúdica possibilita que emoções complexas, como medo, angústia, insegurança e desejo, sejam simbolicamente representadas e reorganizadas. Por meio da criação de cenários imaginários, a criança pode reviver experiências, modificar desfechos e exercer certo grau de controle sobre situações que, na realidade, lhe escapam. Esse movimento favorece a reorganização interna, contribuindo para a redução da ansiedade e o fortalecimento do equilíbrio emocional, na medida em que o brincar também funciona como um espaço de simulação e experimentação, no qual a criança pode vivenciar situações e afetos sem as consequências diretas da realidade, operando como uma forma de ensaio relacional e emocional (Punnett, 2023).

O brincar não se restringe à infância, mas constitui uma manifestação fundamental da experiência humana. Conforme Pinho (2023), trata-se de uma atividade universal, presente em todas as culturas, configurando-se como uma forma primordial de interação com o mundo e de expressão da subjetividade.

No âmbito da Psicologia Analítica, esse processo pode ser compreendido de maneira ainda mais profunda. Para Jung (2011a), a psique orienta-se por um movimento contínuo de integração entre conteúdos conscientes e inconscientes,

denominado processo de individuação. Diante dessa perspectiva, o brincar configura-se como uma via simbólica por meio da qual a criança inicia, ainda que de forma incipiente, esse processo de integração psíquica.

Ao brincar, a criança mobiliza imagens simbólicas que expressam tanto conteúdos do inconsciente pessoal relacionados às suas vivências, quanto do inconsciente coletivo, manifestados por meio de arquétipos. Essas representações permitem que conteúdos internos sejam externalizados, elaborados e gradualmente assimilados à consciência, contribuindo para a organização do *Self*. Assim, o brincar não apenas expressa a vida psíquica da criança, mas atua diretamente na sua estruturação, na medida em que também pode ser compreendido como uma expressão do *Self* em movimento, envolvendo uma tentativa contínua de articulação entre diferentes aspectos da vida psíquica (Punnett, 2023).

Kishimoto (2011) destaca que o brincar promove a integração entre as dimensões cognitiva, afetiva e social, configurando-se como eixo estruturante do desenvolvimento infantil. De forma complementar, Punnett (2023) afirma que o brincar é uma atividade profundamente significativa, por meio da qual a criança expressa sua curiosidade sobre si mesma, sobre o mundo e sobre suas relações, constituindo-se como uma forma autêntica de expressão do *Self*.

Ao transitar entre o real e o imaginário, a criança amplia seu repertório simbólico e desenvolve sua capacidade criativa, elemento essencial para a constituição de um sujeito autônomo e capaz de atribuir sentidos à própria experiência. Nesse processo, o brincar atua como mediador entre o mundo interno e externo, favorecendo relações mais equilibradas consigo mesma e com o ambiente, uma vez que o brincar, ao operar por meio de construções imaginativas e metafóricas, possibilita a expressão e o trânsito entre diferentes níveis da experiência, ampliando a compreensão e elaboração da própria vivência (Punnett, 2023).

Dessa forma, o brincar ultrapassa a função de adaptação ao meio e assume um papel transformador, atuando como instrumento de elaboração psíquica e ressignificação de experiências. À luz da teoria junguiana, pode-se afirmar que a atividade lúdica contribui significativamente para a integração dos conteúdos inconscientes à consciência, favorecendo o desenvolvimento de uma personalidade mais coesa e equilibrada, na medida em que o brincar também se configura como um espaço de experimentação, no qual a criança pode ensaiar vivências, explorar possibilidades de ação e elaborar afetos em um contexto protegido (Punnett, 2023).

Em síntese, o brincar configura-se como um processo fundamental para o desenvolvimento emocional e psíquico, não apenas por possibilitar a expressão de afetos, mas por promover a elaboração, integração e transformação dos conteúdos internos. Trata-se, portanto, de um elemento estruturante na constituição do sujeito, evidenciando sua centralidade no desenvolvimento humano e sua relevância no campo psicológico e educacional.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, voltada à compreensão aprofundada do fenômeno do brincar na infância sob a perspectiva da Psicologia Analítica. A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela natureza subjetiva e simbólica do objeto de estudo, uma vez que se busca interpretar significados, processos psíquicos e

construções teóricas, em detrimento da mensuração de dados quantitativos (Kishimoto, 2011; Brougère, 1998).

Sob essa ótica, a pesquisa bibliográfica fundamenta-se na análise de obras clássicas e contemporâneas relacionadas à Psicologia Analítica, à Psicologia do Desenvolvimento e às teorias do brincar, possibilitando o acesso a diferentes contribuições teóricas acerca do tema. Consoante Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador estabelecer um diálogo crítico com o conhecimento produzido na área.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, foram realizadas etapas sistemáticas de levantamento, seleção, leitura e análise das fontes. Inicialmente, procedeu-se à identificação de obras relevantes por meio de bases de dados acadêmicas, bibliotecas digitais e referências clássicas da área, priorizando autores reconhecidos e produções com rigor científico. Em seguida, realizou-se uma leitura exploratória, com o objetivo de identificar os principais conceitos e categorias teóricas pertinentes ao estudo (Jung, 2011a; 2011b).

Posteriormente, desenvolveu-se uma leitura analítica e interpretativa dos materiais selecionados, buscando estabelecer relações entre os referenciais teóricos e o problema de pesquisa. Nesse processo foram mobilizadas categorias centrais, tais como simbolismo, inconsciente coletivo, arquétipos, desenvolvimento emocional e linguagem lúdica, permitindo a organização e a sistematização dos dados teóricos (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

A análise dos dados ocorreu por meio de abordagem interpretativa, na qual os conteúdos foram examinados à luz dos pressupostos da Psicologia Analítica, especialmente das contribuições de Carl Gustav Jung, bem como de autores da psicologia do desenvolvimento. Tal procedimento possibilitou a construção de uma síntese teórica articulada, evidenciando o brincar como processo simbólico e mecanismo de elaboração psíquica na infância. (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

Ademais, a pesquisa adotou critérios de relevância, atualidade e pertinência teórica na seleção das fontes, garantindo a consistência e a confiabilidade das informações analisadas. Ressalta-se que, por se tratar de pesquisa bibliográfica, não houve coleta de dados empíricos, sendo a investigação fundamentada exclusivamente em produções científicas previamente publicadas (Gil, 2008).

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu não apenas a sistematização do conhecimento existente sobre o tema, mas também a construção de uma análise crítica e integrada, contribuindo para a compreensão do brincar como elemento central no desenvolvimento psíquico e emocional da criança.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidencia que o brincar constitui um elemento central no desenvolvimento infantil, sendo progressivamente ressignificado ao longo da história. Nesse sentido, conforme aponta Ariès (1981), a própria concepção de infância é uma construção histórica, o que implica reconhecer que a valorização do brincar como prática significativa também emerge de transformações sociais e culturais. Tal perspectiva permite compreender que o brincar, antes visto como atividade secundária, passou a ocupar um lugar central nas discussões contemporâneas sobre desenvolvimento humano.

No campo da Psicologia do Desenvolvimento, observa-se uma convergência entre as contribuições de Jean Piaget e Lev Vygotsky, que reconhecem o brincar

como fundamental para a construção do conhecimento e para a organização das funções psicológicas. Enquanto Piaget (1971) enfatiza o papel do brincar na assimilação da realidade aos esquemas cognitivos, Vygotsky (1998) destaca sua função social e mediadora, compreendendo a brincadeira como espaço de desenvolvimento de habilidades que ainda estão em processo de consolidação. Dessa forma, evidencia-se que o brincar articula dimensões cognitivas e sociais, permitindo à criança construir significados a partir de suas interações com o mundo.

Essa compreensão pode ser ampliada à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, que introduz a dimensão simbólica como elemento estruturante da psique. De acordo com Jung (2011a), o inconsciente manifesta-se por meio de símbolos, os quais possibilitam a expressão de conteúdos que não estão acessíveis à consciência. Nessa perspectiva, autores como Grinberg (2018) e Gaeta (2010) contribuem ao aprofundar a compreensão do simbolismo, destacando que os conteúdos inconscientes possuem dinamismo próprio e se expressam por meio de imagens, fantasias e experiências simbólicas. Assim, o brincar pode ser compreendido como uma via privilegiada de manifestação desses conteúdos, especialmente na infância, período em que a linguagem simbólica se sobrepõe à linguagem verbal.

Corroborando essa perspectiva, Kishimoto (2011) e Brougère (1998) compreendem o brincar como um processo ativo de construção simbólica, no qual a criança ressignifica suas experiências e atribui novos sentidos à realidade. Observa-se, portanto, uma complementaridade entre essas abordagens, na medida em que o brincar é reconhecido tanto como espaço de aprendizagem quanto como campo de elaboração psíquica.

No que se refere à dimensão emocional, as contribuições de Winnicott (1982) são fundamentais ao situar o brincar em um espaço potencial entre a realidade interna e externa. Nessa mesma direção, Coutinho (2009) destaca que o brincar constitui uma das formas mais autênticas de expressão da criança, permitindo a comunicação de conteúdos subjetivos que ainda não podem ser verbalizados. Essa articulação teórica evidencia que a atividade lúdica não apenas expressa emoções, mas também possibilita sua elaboração e reorganização.

Além disso, observa-se que o brincar favorece o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da construção da identidade. Conforme aponta Pinho (2023), trata-se de uma atividade universal, presente em diferentes culturas, que possibilita à criança explorar a si mesma e ao mundo. De forma complementar, Punnett (2023) destaca que o brincar constitui uma expressão autêntica do *Self*, permitindo à criança experimentar papéis sociais e construir significados sobre suas vivências.

Ademais, a literatura evidencia que o brincar atua como um importante mecanismo de autorregulação emocional. Ao recriar situações de medo, conflito e insegurança em um contexto simbólico, a criança exerce maior controle sobre suas experiências, favorecendo a redução da ansiedade e o fortalecimento do equilíbrio psíquico. Esse processo pode ser compreendido, à luz da teoria junguiana, como parte do movimento inicial de integração entre conteúdos conscientes e inconscientes.

Dessa forma, ao integrar as contribuições de diferentes autores, observa-se

que o brincar constitui um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve dimensões históricas, cognitivas, sociais, emocionais e simbólicas. Mais do que uma atividade espontânea, o brincar configura-se como um dispositivo essencial de desenvolvimento, por meio do qual a criança organiza sua experiência interna, constrói significados e elabora sua relação com o mundo.

Em síntese, os resultados indicam que o brincar deve ser compreendido como um processo estruturante do desenvolvimento infantil, atuando como linguagem simbólica, instrumento de interação social e mecanismo de elaboração psíquica. Tal compreensão reforça a necessidade de sua valorização nos contextos educacionais e clínicos, reconhecendo-o como elemento fundamental para a promoção do desenvolvimento integral da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que o brincar constitui elemento essencial para o desenvolvimento humano, especialmente no que se refere à formação emocional e psicológica da criança, assumindo papel estruturante na constituição da subjetividade. Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a atividade lúdica ultrapassa a dimensão do entretenimento, configurando-se como um processo complexo de expressão, elaboração e integração de conteúdos psíquicos (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

A partir da perspectiva da Psicologia Analítica observa-se que o brincar possibilita a manifestação simbólica de conteúdos provenientes do inconsciente pessoal e coletivo, por meio de imagens, narrativas e representações que expressam aspectos profundos da psique. Nesse sentido, a atividade lúdica atua como mediadora entre o inconsciente e o consciente, favorecendo a elaboração de experiências internas e contribuindo para a integração da personalidade (Jung, 2011a).

Além disso, constatou-se que o brincar desempenha função relevante na organização emocional da criança, permitindo a ressignificação de vivências, o enfrentamento de conflitos e o desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais. Dessa forma, ao possibilitar a experimentação simbólica de papéis e situações, a brincadeira favorece a construção da identidade, a internalização de valores sociais e o fortalecimento do equilíbrio psíquico (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

Sob essa ótica, o brincar revela-se como um processo indispensável ao desenvolvimento integral, articulando dimensões cognitivas, afetivas, sociais e simbólicas. Desse modo, sua relevância estende-se não apenas ao campo psicológico, mas também ao contexto educacional, o qual deve ser compreendido como instrumento pedagógico legítimo e necessário para a promoção de uma aprendizagem significativa (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

Dessa forma, reafirma-se a necessidade de valorização do brincar nos espaços educativos e nas práticas de cuidado com a infância, reconhecendo-o como um direito da criança e como um elemento fundamental para a formação de sujeitos mais equilibrados, autônomos e capazes de atribuir sentido às suas experiências. Tal reconhecimento implica não apenas na inserção do brincar como estratégia pedagógica, mas também na sua compreensão como eixo estruturante do desenvolvimento, devendo ser intencionalmente incorporado às práticas educativas e às políticas voltadas à infância (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

Nessa conjuntura, torna-se imprescindível que educadores e instituições de ensino compreendam o brincar para além de sua dimensão recreativa, reconhecendo sua função simbólica, emocional e formativa. Desta feita, a promoção de espaços que favoreçam a expressão lúdica contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança, possibilitando a articulação entre aprendizagem, criatividade e construção da subjetividade. Assim, o brincar deve ser assegurado como prática legítima no ambiente escolar, em consonância com uma educação que valorize o sujeito em sua totalidade (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

Vale acrescentar que a compreensão do brincar sob a perspectiva da Psicologia Analítica amplia o olhar sobre a infância, ao evidenciar que as manifestações lúdicas não são aleatórias, mas carregadas de significados simbólicos que refletem a dinâmica psíquica da criança. Nesse ínterim, reconhecer o brincar como expressão do inconsciente permite ao educador e ao profissional da área compreender, de forma mais sensível, os processos internos vivenciados pela criança, contribuindo para práticas pedagógicas mais humanizadas e significativas (Kishimoto, 2011; Brougère, 1998; Jung, 2011a).

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de superação de práticas educativas excessivamente conteudistas e normativas, que desconsideram a dimensão subjetiva do desenvolvimento infantil. Ao negligenciar o brincar, corre-se o risco de limitar as possibilidades de expressão, criação e elaboração emocional da criança, comprometendo aspectos essenciais de sua formação. Dessa forma, a valorização do lúdico configura-se como elemento indispensável para a construção de uma educação que promova não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o equilíbrio emocional e a formação ética do sujeito (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

Em suma, destaca-se que este estudo contribui para a ampliação das discussões acerca da importância do brincar, especialmente sob a perspectiva simbólica da Psicologia Analítica, abrindo possibilidades para futuras investigações que aprofundem a relação entre atividade lúdica, desenvolvimento psíquico e práticas educativas (Jung, 2011).

Sugere-se, em arremate, a realização de pesquisas empíricas que possam observar, na prática, as manifestações simbólicas do brincar em diferentes contextos educativos, bem como investigações interdisciplinares que articulem a Psicologia, a Pedagogia e as políticas públicas voltadas à infância. Portanto, ao reconhecer o brincar como um fenômeno complexo e essencial, reafirma-se sua centralidade no desenvolvimento humano e sua relevância na construção de práticas educativas mais sensíveis, inclusivas e comprometidas com a formação integral da criança (Piaget, 1971; Vygotsky, 1998).

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1998.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

GAETA, Irene. **Psicoterapia Junguiana**: novos caminhos na clínica: no uso do desenho de mandalas e calatonia. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2010.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung**: o homem criativo. São Paulo: Blucher, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2011a.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2011b.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

NEUMANN, Erich. **A criança**: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação. Tradução de Pedro Ratis e Silva. São Paulo: Cultrix, 1995.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PINHO, Mariana Carvalho Caribé de Araújo. **O arquétipo do brincar**: o fio que une a cultura das infâncias. 2023.190f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação, Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2023. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/5077>. Acesso em: 12 fev. 2026.

PUNNETT, A. **Análise Junguiana de Crianças**. 1. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2023.

VIEIRA, André Guirland. **Imagem, símbolo e narrativa na psicologia analítica de C. G. Jung**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2003.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.